



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FG – UNIFG**  
**PSICOLOGIA**

**MARIANA MARTINS FERNANDES**

**DO LITORAL AO MAR ABERTO: A DEVASTAÇÃO E AS (DES)COORDENADAS  
DO FEMININO**

**Guanambi-BA**  
**2021**

**MARIANA MARTINS FERNANDES**

**DO LITORAL AO MAR ABERTO: A DEVASTAÇÃO E AS (DES)COORDENADAS  
DO FEMININO**

Artigo apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário FG-UNIFG como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: M.Sc. Beatriz de Souza Silva

**Guanambi – BA  
2021**

## RESUMO

Este artigo tem a proposta de buscar articulações entre os pensamentos de Freud e de Lacan a respeito da feminilidade e da devastação. A psicanálise se empenha em indagar sobre a particularidade de um gozo especificamente feminino, cuja principal característica é a impossibilidade de simbolização. Em Freud, nos debruçamos na teorização sobre o falo e à construção da diferença sexual, como estruturante do psiquismo. Freud define a relação mãe e filha como catastrófica, ao passo que Lacan, ao retomar os postulados freudianos, afirma que esta se trata mesmo de uma devastação, que pode se atualizar no campo das parcerias amorosas. Assim, em ambas as teorias, tanto na freudiana quanto na lacaniana, a relação de uma menina com sua mãe se mostrará de fundamental importância para os futuros relacionamentos amorosos de uma mulher. Partindo da premissa de que, mesmo nos casos em que a menina renuncia à mãe, substituindo-a pelo pai, permanece um resto que nunca será superado, pergunta-se: diante do que resta, há saídas para a devastação? Conclui-se que é possível um saber-fazer, ao consentir que o que se busca na mãe ela não pode dar - não porque não tem, mas porque nela também falta.

**Palavras-chave:** Feminino. Feminilidade. Gozo. Devastação. Psicanálise.

## ABSTRACT

This article has the proposal to search for articulations between the thoughts of Freud and Lacan regarding femininity and devastation. Psychoanalysis endeavors to inquire about the particularity of a specifically feminine jouissance, whose main characteristic is the impossibility of symbolization. In Freud, we focus on theorizing about the phallus and the construction of sexual difference, as a structuring of the psyche. Freud defines the mother-daughter relationship as catastrophic, while Lacan, when resuming Freudian postulates, affirms that this is really a devastation, which can be updated in the field of love partnerships. Thus, in both theories, both in Freudian and Lacanian, a girl's relationship with her mother will prove to be of fundamental importance for a woman's future love relationships. Starting from the premise that, even in cases where the girl renounces her mother, replacing her with her father, there remains a remainder that will never be overcome, one wonders: in view of what remains, there are ways out for devastation? We conclude that it is possible to know-how, to understand that what is sought in the mother she cannot give - not because she doesn't have it, but because she also lacks it.

**Keywords:** Female. Femininity. Jouissance. Devastation. Psychoanalysis.

## 1 INTRODUÇÃO

*Ser-se mulher é algo de tão peculiar, de tão misto, de tão compósito, que nenhum predicado pode por si só exprimi-lo, e os muitos predicados, caso os quiséssemos utilizar, contradir-se-iam mutuamente de tal maneira que só uma mulher seria capaz de suportar tal coisa; aliás, pior ainda, seria capaz de encontrar prazer nisso.*

*Sören Kierkegaard*

Até o fim da Idade Média, o lugar reservado às mulheres era o lugar da sombra, do esquecimento. Contudo, o fato de serem condenadas ao silêncio na sociedade medieval, não impedia a atribuição de poderes místicos às mulheres porque realmente acreditava-se que elas os tivessem. Essa concepção dos poderes perigosos atribuídos às mulheres é ainda o que Freud encontra quando, no final do século XIX, vai estagiar em psiquiatria com o Professor Charcot em Paris e se depara com mulheres que padeciam com seus sintomas histéricos (ZALCBERG, 2007).

A psicanálise surge a partir do questionamento de Freud a respeito da histeria e suas enigmáticas manifestações sintomáticas sem causas biológicas, que desafiavam o saber racional. Foi no percurso com essas mulheres, ao ouvir seus relatos e tentar interpretar uma série de sintomas – sobretudo materializados no corpo - que Freud chegou a elaboração do conceito-chave da psicanálise: o inconsciente (FUENTES, 2009). Tal conceito desencadeou uma revolução epistemológica e uma subversão nos pressupostos da época, demarcando a renúncia da razão como elemento central da vida do sujeito. Isso fez com que aquelas mulheres tidas como loucas, pudessem ser escutadas em suas singularidades (ZALCBERG, 2007).

Desde Freud (1933), é possível situar a mulher em dois aspectos: o primeiro diz da mulher como ser portador da falta fálica, derivado do complexo de castração e o segundo refere-se a um excesso, traduzido pelo seu desejo ilimitado. Para ele, a mulher deriva de seu ser castrada: é aquela cuja falta fálica a incita a se voltar para o amor de um homem. Num primeiro momento, tal como o menino, ama a mãe. Ao descobrir que esta não tem o que lhe era suposto, volta-se ao pai ou irmão, depois ao cônjuge. Em suma, ao se descobrir privada do falo, a menina torna-se mulher quando se volta para aquele que supostamente o tem (SOLER, 2005).

É na conferência sobre a sexualidade feminina que Freud (1931) apresenta a idéia de que o amor entre filha e mãe é anterior ao amor com o pai. Algo importante neste primeiro amor é que ele é permeado de ambivalência, uma vez que a filha repreende a mãe por esta não ter lhe oferecido amor suficiente, deixando-a no terreno da falta. Isso lhe permitiria orientar sua

demanda de amor em direção ao outro lado, na medida em que a menina compreenderia que sua mãe não pode – ou não quer - lhe dar o que espera, sendo estas as raízes do ódio da menina com relação à mãe (ZALCBERG, 2019).

Seguindo as indicações freudianas, Lacan (1972/2001) em “O Artudito” utiliza o termo devastação para comentar a relação de amor entre mãe e filha, dizendo que “a devastação (...) é na mulher, para a maioria, a relação com sua mãe, de onde ela parece bem esperar como mulher mais substância que de seu pai” (p. 465). Para além da demanda amorosa, algo da mãe escapa à lei simbólica, tornando mais difícil para a criança metaforizar o desejo materno. Assim, a demanda que a filha faz é para a mulher que habita a mãe - Lacan propõe o termo essencialmente para pensar essa forma de amor, por mais que a devastação possa aparecer também nas parcerias amorosas (FERREIRA, 2015). Nesses casos, ela se apresenta por meio da demanda de amor desmedido das mulheres àquele que elas supõem que possam responder algo sobre o ser mulher. A devastação é assim considerada uma forma de amor que, em alternância com o ódio, demarca uma dor sem limites e inclassificável, que não passa pela limitação do significante (MURTA, 2012).

Para trabalhar a sexualidade feminina, Lacan irá separar o feminino de feminilidade, considerando a feminilidade como aquilo que toca as representações fálicas, que passa pelo significante e que não é o gênero feminino (GARCIA, 2020). A feminilidade pode ser entendida como uma posição fálica diante de algumas situações, como uma máscara para “fazer de seus atributos femininos os sinais da onipotência do homem” (LACAN, 1962-63/2005, p. 290). Já o feminino é um dos nomes do real<sup>1</sup>, daquilo que não cessa de não se inscrever no inconsciente. Como expressão do real, escapa a tudo que se possa ser dito sobre ele, e seu gozo permanece fora da linguagem e da lógica falocêntrica. Se não há “O” nome da mulher inscrito no inconsciente, infinitos nomes podem surgir na tentativa de representá-la (FUENTES, 2009).

Em seu texto “Lituraterra”, Lacan (1971/2003) afirma que entre elementos heterogêneos a impossibilidade de haver fronteira não impede que haja um litoral: o mar não se mistura à areia, mas seus avanços e recuos sobre ela delimitam o litoral, deixam marcas. O litoral não é fixo, não é definitivo, ele é móvel, dinâmico. É nesse sentido que dizemos que feminino e feminilidade não se equivalem. Quando muito, eles fazem litoral, convivem sem se misturar. Mas a feminilidade permanece na areia, enquanto o feminino e seu gozo se abrem para o sem-fim, para o sem-margens, no mar aberto.

---

<sup>1</sup>Lacan se refere ao real como sendo aquilo que remete à falta originária da estrutura, aquilo que escapa à realidade, que não se inscreve de modo algum no simbólico; ele remete ao traumático, ao inassimilável, ao impossível (JORGE, 2005).

A partir da presente pesquisa pretende-se analisar porque o amor e a relação da filha com a mãe se apresentam, em certos casos, como parcerias sintomáticas, ao ponto de levar as mulheres à devastação. A nível acadêmico e profissional, esta pesquisa teve o intuito de auxiliar na percepção de importantes aspectos do feminino, investigando o que se apresenta como possíveis saídas encontradas por cada ser falante na sua parceria com a devastação, no dispositivo clínico ou fora dele. Exploramos ainda de que maneira as mulheres podem ser afetadas pelo feminino, visando localizar as soluções singulares, ou a falta delas, para fazer existir A mulher.

Impõe-se observar, à guisa de introdução, que em psicanálise, o saber se faz como um enigma, presente pelo inconsciente. Lacan atribui ao inconsciente a mesma estrutura da linguagem, o que nos leva ao impossível de dizer ou saber tudo. É justamente a inexistência de uma completude que caracteriza o pensamento psicanalítico. Há um desejo de saber, mas não se trata de qualquer desejo e sim de um desejo advertido: o de que não encontrará certezas. Portanto, foi a partir desse lugar que se guiou esta pesquisa, entendendo que estar diante desse impossível não nos paralisa, mas nos implica ao trabalho.

## **A DIFERENÇA SEXUAL EM FREUD**

*“Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é - isso seria uma tarefa quase impossível de resolver -, mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher, como se desenvolve a partir da criança dotada de disposição sexual.”*

*FREUD, S. 1933/2019, p. 318*

Uma questão importante a respeito do enigma da feminilidade diz respeito às diferenças entre os sexos. Em um de seus primeiros textos, Freud (1905/1996) observa que há uma negligência quanto à diferença sexual por parte das crianças. Para elas, todos os humanos possuem um pênis, inclusive os do sexo feminino. O alto valor atribuído a esse órgão reflete na incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante ao Eu que não tenha essa parte entendida como essencial: para as crianças, o pênis da mulher apenas não cresceu ainda. Mas há aí uma ameaça de castração, pois o genital da mulher é percebido como cortado, castrado. A menininha então se sente prejudicada e passa a ter inveja do pênis do menino (FREUD, 1908/2019).

Desde cedo, a menina se confronta com a dificuldade de definir seu sexo, ao perceber a diferença anatômica sexual: “Porque meu corpo é diferente do corpo do menino? ”. A fim de entender essa diferença, a criança recorre às “teorias sexuais infantis” (FREUD, 1908/2019)

para explicar-se a si mesmo. E embora essas teorias das crianças a respeito da diferença anatômica não sejam lembradas de maneira consciente, elas deixam marcas no inconsciente de cada sujeito.

Em seu texto “A organização sexual infantil”, Freud (1923/2019) afirma que a aproximação da vida sexual infantil à do adulto vai muito além da primazia dos órgãos genitais e não tem a ver apenas com o surgimento de uma escolha de objeto:

A principal característica dessa "organização sexual infantil" é, ao mesmo tempo, sua diferença da organização genital definitiva do adulto. Ela reside no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado do genital, mas um primado do falo [*Phallus*] (FREUD, 1923/2019, p. 239).

A menina, ao se deparar com a falta do pênis, irá sentir-se prejudicada e inferior. Ela ainda se consola por um tempo com a ideia de que seu pênis irá acompanhar o seu crescimento. Entretanto, ela não entende isso como uma ameaça de castração, pois que já se vê castrada: “[...] assim se produz a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação” (FREUD, 1923/2019, p. 253).

A partir de então, a passagem da sexualidade infantil para a adulta deixa de ser determinada pela maturação dos órgãos genitais e passa a ser marcada por uma mudança na interpretação da diferença sexual (FREUD, 1923/2019). O desenvolvimento da sexualidade infantil para a adulta depende de que se repense essa oposição entre dois sexos diferentes, o masculino e o feminino. Do contrário, o sexo da mulher será sempre intolerável, tanto para homens quanto para mulheres (KEHL, 2007).

### ***PENISNEID E O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO***

Ao dar um significante (*falo*) ao seu genital, o menino se identifica como homem ao pensar “eu tenho”. Como a menina não possui este órgão visível e presente em seu corpo, seu sexo revela-se mais para o oculto, não havendo assim um significante que o represente no inconsciente – logo, pensar “eu não tenho” não a identifica como mulher (KEHL, 2007). Freud (1925/2019) chamou todo esse processo de complexo de castração, cujos efeitos são o de ameaça de castração para o menino - ”eu tenho, mas posso perder”-, e de inveja do pênis (*penisneid*) para a menina - “eu não tenho”.

No complexo de Édipo, o menino precisa renunciar à mãe diante da ameaça de castração. Ele renuncia aos objetos libidinais para proteger seu próprio narcisismo e, dessa forma, sai do Édipo (FREUD, 1924/2019). Já para a menina, a castração refere-se a uma presença que falta. Ela entra no complexo de Édipo ao se perceber castrada, quando volta-se para o pai (ou avô, irmão, futuro cônjuge...) na esperança de que ele lhe dê o falo que a sua mãe supostamente não quis lhe dar. Uma vez que não teme a castração, o complexo de Édipo na feminina fica em aberto, sem delimitações possíveis.

Nesse sentido, a rejeição da posição feminina toma, tanto para o homem quanto para a mulher, uma forma de desautorização do feminino - o que significa dizer que a reivindicação fálica, na mulher, toma a forma de *penisneid* e, para o homem, toma o valor de temor da castração (BASSOLS, 2017). A concepção do *penisneid* foi reformulada por estudos psicanalíticos posteriores, sendo entendido que essa inveja não seria do pênis propriamente dito, mas de ter um apoio simbólico no corpo que dê consistência ao ser mulher, como o homem supostamente teria e que permite a ele dizer “eu tenho e, por isso, sou um homem”. Para ela, não ter significa não ser - daí a constante necessidade da mulher de afirmação da sua identidade (ZALCBERG, 2019).

Quando faz do complexo de castração a encruzilhada do tornar-se homem ou mulher, Freud (1925/2019) tacitamente introduz a ideia de uma desnaturação do sexo no ser humano. O ser sexuado biológico, que não se reduz à anatomia, não basta para criar o ser sexuado do sujeito. Ao introduzir a noção de uma pré-história do complexo de Édipo feminino, Freud (1931) percebe que “a problemática feminina não é, no fundo, outra coisa, senão o retorno inelutável da relação antiga com a mãe” e abandona de vez qualquer paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino (ANDRÉ, 1991).

Interrogando-se sobre os destinos da inveja do pênis na vida psíquica posterior da mulher e sua articulação com a ligação pré-edípica da menina com sua mãe, Freud (1931/2019) percebe, na clínica, que a menina faz de sua mãe a responsável por sua falta de pênis e não lhe perdoa por essa desvantagem. Por essa razão, ele considera que a inveja do pênis deixa “marcas indeléveis no desenvolvimento e na formação do caráter feminino” (p. 329). Essa decepção com a mãe faz com que a menina oriente sua demanda de falo para o pai, que dará à menina a possibilidade de simbolizar a falta e entrar no complexo de Édipo (DRUMMOND, 2011).

Diante disso o pai, que parecia ocupar o lugar principal na dimensão amorosa da menina desde o início da vida, revela-se, na realidade, herdeiro de uma transferência de amor que originalmente havia sido endereçada exclusivamente à mãe. Essa transferência de amor da mãe para o pai nunca é completa, sempre deixa um resto (ZALCBERG, 2007). De acordo com Freud

(1931/2019), com essa mudança de objeto pode ser observado também um forte rebaixamento das moções sexuais ativas e uma ascensão das passivas, e o caminho para a feminilidade então fica livre para a menina, “desde que não seja limitado pelos restos da superada ligação pré-edípica à mãe.” (FREUD, 1931/2019, p. 303).

A descoberta de que a mãe é o primeiro objeto de amor da menina, e não o pai, dá um sentido novo às formulações anteriormente feitas por Freud com relação à sexualidade feminina. Nesse momento ele percebe que a complexidade da constituição subjetiva da menina se deve à particularidade de sua relação com a mãe. Um dos desdobramentos da relação pré-edípica entre uma menina e sua mãe é a imensa dificuldade da filha para se separar dela e seguir seu próprio caminho enquanto mulher. Para Freud (1931), o vínculo mãe-filha seria tão intenso que, na maioria das vezes, definiria a maneira como se dá as relações amorosas na vida adulta da menina.

Nesse sentido, podemos dizer que há algo que resiste no que diz respeito do feminino. Há uma pré-história à qual não se tem acesso pela linguagem, visto seu caráter de “resto” – pré-história indecifrável, mas já escrita alguma vez, como uma civilização soterrada por outra: “(...) semelhante à descoberta, em outro campo, da civilização minoico-micênica por trás da grega” (FREUD, 1931/2019, p.287). Na travessia da pré-história à história edípica, há um ponto do qual não se tem acesso pela memória, que corresponde ao que foi, para o sujeito feminino, sua ligação com a mãe (DRUMMOND, 2011).

Na conferência sobre a “Feminilidade”, Freud (1933/2019) aponta que a intensidade do amor da menina por sua mãe termina em ódio e que ele pode persistir por toda a vida, aparecendo sob a forma das desmedidas reivindicações amorosas da menina. Assim, se existe algo de irrepresentável no feminino, isso não se deve à castração, mas à impossibilidade de representar a mãe enquanto “toda” (a mãe não castrada da criança pré-edípica) (KEHL, 1998). A partir das experiências clínicas com mulheres, Freud (1931/2019) percebe que onde havia uma intensa ligação com o pai, havia existido antes uma ligação igualmente intensa com a mãe, e que essa fase, chamada por ele de pré-edípica, havia sido subestimada até então.

Ele percebe a possibilidade de um grande número de mulheres permanecerem presas à ligação inicial com a mãe, nunca conseguindo uma verdadeira viragem em direção ao homem - o que, para ele, seria uma catástrofe. O *penisneid* seria então o elemento fundamental para a menina desprender-se da demanda dirigida à mãe e tomar outra direção. Nessa perspectiva, a devastação estaria estritamente relacionada ao destino do falo da menina (DRUMMOND, 2011).

A questão da falta na teoria freudiana gira, então, em torno do falo. O avanço proposto na teoria lacaniana problematiza a significação do falo e aponta para a dimensão do objeto enquanto falta, o objeto *a*, mencionando-o como causa de desejo.

### **A PRESENÇA DE UMA AUSÊNCIA: O FALO E O COMPLEXO DE CASTRAÇÃO**

Lacan (1962-63) contribuirá nesse assunto afirmando que o que está em jogo no complexo de castração não é a primazia do falo, mas a sua ausência. O falo é visado pelo sujeito por este pensar que ele é exatamente o que lhe falta - e é preciso reconhecer a condição de que todo sujeito está submetido a uma falta que se refere ao desejo. É o falo que empresta brilho aos objetos e a todas as fantasias relativas ao desejo (LACAN, 1958/1998). Nesse sentido, o falo nunca é nada exceto um significante. O objeto *a* que é a causa real e indizível do desejo, enquanto o falo é o nome desse desejo, da ordem do simbólico. Como o desejo está sempre correlacionado com a falta, o falo é entendido como o significante da falta, segundo o qual interpreta-se a anatomia do corpo criando uma ausência onde ela não existe (FINK, 1998).

Em “O Artudito”, Lacan (1972/2003) aponta que a menina não hesita diante da diferença sexual, não a desmente, o que “faz da mulher peixe na água pela castração ser nela ponto de partida” (p. 465). Como o complexo de castração já está posto quando as meninas entram no complexo de Édipo, não há uma ameaça de perda, pois já está perdido. Assim, as mulheres entram em seu complexo de Édipo sem nada a perder e este fica em aberto. Como consequência, sentem-se desemparelhadas, desprovidas de algo, que tem como consequência a busca do que está faltando (FREUD, 1925/2019).

Ao ser entendido como significante, a lógica do falo passa a girar em torno de ser ou ter (o falo). Como não é possível a ninguém ser homem ou mulher no sentido puramente biológico, devido à captura do corpo pelo significante, só lhe resta como solução *parecer* homem ou *parecer* mulher, sendo o falo determinante nisso (BESSA, 2012). Se os meninos, frente à diferença sexual anatômica, se posicionam do lado do *ter*, as meninas irão se posicionar do lado do *ser* (o falo). Nesse tipo de tratamento lógico da diferença sexual, prevaleceria a incompletude, uma vez que um possui o falo e o outro não. Se o homem o tem, isso é justamente o que a mulher buscará no corpo dele. A mulher, por outro lado, é o falo, e encontrará aí uma solução para a sua incompletude (ZALCBERG, 2007).

Esse “ser o falo” designa a mulher como aquela que, na relação sexuada, é convocada ao lugar do objeto. Mas ela só pode ser o falo no nível da sua relação com o homem. É sempre para um outro, nunca em si, que se pode ser o falo (SOLER, 2005). Essa diferença se baseia no fato de que o falo, como significante que inscreve o sexo do homem no inconsciente, confere a

ele uma representatividade suficiente. Suficiente quer dizer que o gozo masculino encontra no falo sua intensidade e seu limite (FUENTES, 2009). O mesmo não acontece com o gozo feminino que, por não ter um órgão que o represente, fica fora da linguagem e, portanto, ilimitado.

Como uma mulher não tem de se confrontar com o órgão, para ela o falo possui o estatuto não de uma propriedade a ser preservada, e sim de objetos a serem adquiridos, passíveis de serem situados na função de significante da falta - seja no registro do ter (o homem, o filho), ou no registro do ser (ela própria, Outra mulher ou Deus) (BROUSSE, 2019). Por ser a presença de uma ausência, o falo, sob todas as suas formas, permite escrever a falta e seu contrário. “Ele é o objeto ao qual as mulheres são fiéis, o objeto a partir do qual elas se fazem - mas nem todo o tempo e não-toda” (BROUSSE, 2019, p. 41).

Entende-se que o tornar-se mulher tem relação com o modo pelo qual o gozo afeta o corpo feminino, sem que um órgão específico venha responder a isso. A filha endereça para sua mãe a pergunta sobre quem ela é como menina, talvez porque já perceba que a mãe não é apenas mãe, mas também uma mulher. Nesse ponto se cruzam as duas vertentes da mãe - a materna e a feminina - na vida da filha. E muito do destino que a filha dará para o seu ser mulher dependerá de como sua mãe lida com esses dois aspectos da sua feminilidade (ZALCBERG, 2019).

## **UM SEMBLANTE DE MULHER: A MÁSCARA DA FEMINILIDADE**

É possível perceber então que a castração e as identificações edípicas são suficientes para definir o homem, incluí-lo em um conjunto, mas não a mulher - o que não quer dizer que a mulher não esteja referida ao falo, mas sim que ela é não-toda inscrita na ordem fálica. Lacan (1972-73/2005) avança nessa questão ao dizer que “A Mulher não existe”, visto que não há um todo universal, um conjunto fechado que defina A mulher - o que não impede que a condição feminina exista. A mulher é não-toda, não porque ela é incompleta, mas sim porque há um conjunto aberto que permite que cada um de seus elementos sejam considerados um a um, não havendo, assim, uma definição válida para todos (GARCIA, 2020).

Não há uma resposta possível no campo do simbólico para a pergunta “o que é ser mulher?”. Esta ausência de referências simbólicas está articulada, ao mesmo tempo, a um gozo feminino que não se enquadra nas medidas fálicas, do qual nada pode ser dito, nem contabilizado (GARCIA, 2020). “A mulher não existe” não significa que o lugar da mulher não exista, mas que esse lugar permanece essencialmente vazio, o que não impede que algo possa ser encontrado ali - mas nesse lugar se encontram somente máscaras. Nesse sentido, pode-se chamar de semblante tudo aquilo que encobre o nada (MILLER, 2012).

Lacan chamará de semblante o ato de “cobrir” a falta, pois a ideia é fazer crer que há algo onde não há nada. É nesse sentido que se dá o conceito de semblante na psicanálise; a verdade deve ser procurada por trás das aparências. O que se mostra é sempre ilusório (ZALCBERG, 2019).

“Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada” (LACAN, 1958/1998, p. 694).

Assim, o que toca a feminilidade tem a ver com a mascarada, com a ideia que cada mulher constrói para si do que é ser mulher. No vazio da significação a mascarada vem como suplência, supostamente capaz de esconder a falta (GARCIA, 2020). Uma das dimensões da feminilidade é produzir falicidade por meio dos efeitos fascinantes da beleza e da sedução. No entanto, a dimensão imaginária do seu *eu* fica marcada pela impressão infantil da ausência de um detalhe no corpo (KEHL, 1998/2016).

Então, diante da falta inscrita no psiquismo, a menina pode se identificar aos semblantes fálicos e (ou) buscar ser o falo para o parceiro. Em suas relações, ela privilegia o amor - quer ser amada, se fazendo falo para o outro. Essa é a lógica que Lacan (1958/1998) destaca quando diz que a mulher quer ser o objeto para o parceiro: sem o apoio imaginário no corpo, a menina não encontra o significante que garante o seu ser mulher. Por isso Lacan (1972-73/2008) afirma que não há A mulher. Ora, é claro que mulheres existem, o que não existe é o significante da feminilidade no inconsciente, algo que possa dar uma clara significação do ser mulher. Nesse sentido, ser mulher é desde sempre uma invenção, que envolve não somente as condições socioculturais e as relações de poder em uma civilização, mas resulta de uma posição subjetiva singular, construída a partir do encontro contingente do corpo com a língua materna (FUENTES, 2009).

## **O GOZO FEMININO: UM MAR ABERTO AO INFINITO**

No seminário 20, Lacan (1972-1973/2008) conclui que há algo no gozo da mulher que não se restringe ao gozo fálico - ela é *não-toda* fálica: “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está nela não de todo. Ela está à toda. Mas há algo a mais” (p. 100). Esse *não-todo* pode se apresentar nas mulheres como uma demanda

infinita de amor. O gozo próprio do feminino é um gozo que não tem limite, que não é limitado inclusive pela ereção masculina e, portanto, é infinito (BROUSSE, 2019). Importante ressaltar que o não-todo é uma posição que não é exclusividade das mulheres, nem tem muita relação com os caracteres sexuais biológicos, porque o gozo do corpo não depende desses traços (SIQUEIRA, 2020).

Um homem pode passar do lado masculino ao feminino quando ama. O caráter feminino é aceitar que não é possível completude, que não há nada que tape o buraco. As mulheres também são inscritas no gozo fálico, elas também buscam pelo objeto. Mas além disso, a mulher abriga em si mesma uma outra dimensão, que não é recoberta pelo significante fálico, em que ela está marcada pela ausência de uma representação simbólica (FUENTES, 2009). Sendo assim, o gozo feminino se manifesta onde o simbólico não alcança.

O estado de apaixonamento das mulheres pode perfeitamente ser concebido a partir da prevalência do gozo feminino (LACAN, 1958/1998). Despertado pelo apaixonamento, esse gozo tende a expandir-se sem limites, o que lhe é próprio já que, como já foi dito, ele não conhece medidas, não se sujeita a limitações, nem se localiza em zonas erógenas - por isso se expande no próprio corpo, desarticulado de qualquer nomeação (GUIMARÃES, 2014).

No amor, graças ao desejo do parceiro, a falta se converte num efeito, por ser quase compensatória: a mulher se transforma no que não tem (SOLER, 2005). Elas buscam um parceiro que se encaixe perfeitamente no lugar daquilo que lhes falta. Esse parceiro, que não existe para nenhuma pessoa, as lançam numa infinita busca por completude. Lacan (1973/2003) afirma que “não há limites às concessões que cada uma faz para um homem de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (p. 538). Assim, diante da demanda de amor infinita, o encontro com um homem pode tanto fazer limite ao gozo não-todo fálico, quanto, na impossibilidade de circunscrevê-lo, retornar do lado feminino sob a forma de devastação (ZALCBERG, 2012).

Vale destacar que o gozo feminino não é devastador, pelo contrário, é uma experiência vivificante. Mas por estar situado no campo do silêncio, distante das palavras, tende a sofrer os efeitos da infiltração do imperativo do supereu. Desse modo, quando sofre a intromissão do supereu, o estatuto real do gozo feminino passa a sustentar o imperativo “goza!” num caráter mortificante. Nesse sentido, a devastação não seria uma patologia do campo do amor, mas sim, uma patologia do supereu (GUIMARÃES, 2014).

## **A DEVASTAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES**

O termo devastação, em francês *ravage*, conserva duas direções de sentido: pode estar associado à ideia de ruína, de destruição, ou à ideia de um corpo arrebatado, deslumbrado, que

é lançado fora do tempo e do espaço, na vertente de um êxtase. Lacan (1972), a partir do texto “O Aturdido”, busca com esse termo retomar o que Freud chamou de "catástrofe", ao se referir aos laços estabelecidos entre mãe e filha e ao resto dessa ligação, de onde a psicanálise irá pensar a subjetividade feminina. Nesse sentido, devastação é o nome que Lacan dá ao que se localiza na relação pré-edipiana da menina com a sua mãe – a devastação é um dos nomes para o fracasso da metáfora paterna (DRUMMOND, 2011).

A primeira menção de devastação no ensino de Lacan refere-se à relação mãe-filha, considerando que, para a maioria das mulheres, é assim que essa relação se constitui: de maneira devastadora (ZALCBERG, 2012). Isso decorre do fato de "a filha esperar como mulher mais subsistência de sua mãe que de seu pai" (Lacan, 1972/2001, p.465). A relação devastadora que pode existir entre mãe e filha fala da expectativa da filha de receber uma identificação feminina da mãe exatamente no ponto em que se coloca a impossibilidade de uma transmissão da feminilidade - em razão da mãe também estar inventando a sua própria noção do que é ser mulher (ZALCBERG, 2012). A devastação se localiza primordialmente na relação pré-edipiana, e é atualizada na relação com o parceiro.

A demanda ilimitada de amor da mulher retorna a ela sob a forma de uma devastação (MILLER, 2015). Essa demanda não é amar, mas pedir para ser amada, mais, ainda. É o ponto em que não há limites. Ao dirigir esse amor sem fim ao parceiro, que representa um eco da devastação com a mãe, a mulher encontra o Outro barrado, castrado (FUENTES, 2009). Diante desse impedimento da completude, da relação sexual, o parceiro faz emergir no falasser feminino a devastação. Para além da demanda amorosa, algo da mãe escapa à lei simbólica, tornando mais difícil para o sujeito metaforizar o desejo materno (FERREIRA, 2015). Nessa fascinação pela imagem da mãe como mulher, a devastação seria uma consequência da permanência da filha na relação especular entre elas, numa insistência em não metaforizar a falta do Outro materno. No entanto, manter a mãe no lugar do grande Outro não barrado ofusca, apaga a singularidade da menina, não havendo outra saída a não ser a de objeto (ZALCBERG, 2019).

A identificação com uma mãe nunca irá dizer sobre o que é mulher. O que uma mãe pode transmitir a uma filha está no campo do simbólico, é algo da feminilidade, não do feminino (GARCIA, 2020). A devastação é então uma reivindicação fálica da menina para a mãe, pois a menina atribui à mãe os efeitos marcantes da língua no corpo, os efeitos de gozo, na esperança de que a mãe possa nomear para ela algo desse indizível que ela experimenta sozinha no próprio corpo (DRUMMOND, 2011). Ainda que a identificação com a mãe não diga nada sobre a identidade feminina, será ela que permitirá que a mulher construa, de maneira solitária, sua

própria versão feminina - separando corpo, desejo e gozo da sua mãe (BASSOLS, 2021). Nessa perspectiva, entende-se que a devastação se realiza quando a menina se depara com um ponto enigmático no desejo da mãe, ponto em que reconhece na mãe um desejo de mulher e não sabe muito bem o que fazer com isso.

Percebe-se então que a devastação tem um lado ligado ao desejo da mãe, de reivindicação fálica, e um lado não-todo fálico, um modo de gozar que se articula ao deslumbramento do corpo e que decorre da dificuldade de simbolizar o gozo feminino. Ela surge no ponto em que a menina espera uma identificação feminina que sempre se revela impossível. O encontro traumático com a desenvoltura materna é o que a leva a fazer do não todo materno uma devastação (DRUMMOND, 2011).

Entende-se assim que há na devastação um traço de não separação com a mãe, que mortifica uma mulher naquilo que ela tem de mais singular. A saída da devastação se torna possível quando a filha consente que aquilo que a mulher experimenta no corpo não diz respeito à mãe, tomando consciência de que terá que passar por isso sozinha. Cabe assim um saber fazer com a solidão do um, onde uma mulher pode aceitar o gozo que a torna radicalmente outra. Nesses casos talvez o amor possa ser um agente da castração, como a metáfora paterna, que aparece lhe convocando a viver uma nova história, uma história sua, lhe auxiliando a separar o seu corpo do de sua mãe. Paradoxalmente, o amor também pode fazer uma mulher reviver suas relações mais primitivas, despertá-la para viver o ilimitado que lhe habita, causando assim um estado ainda mais devastador. Apostas sejam feitas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa, desenvolvemos de que forma o gozo feminino e a devastação se articulam na teoria psicanalítica e quais as possibilidades diante dessa junção. Foi apontado que o feminino como um real enigmático encarnado nas mulheres manifesta-se desde tempos remotos. O irrepresentável do feminino indica que haverá sempre um vazio que não admite significação e que diz respeito àquilo do sexo que não foi inscrito no psiquismo. Procuramos então averiguar as possíveis saídas aos impasses do feminino que Lacan, a partir do Seminário 20, desnudou.

A necessidade de nomeação demonstra a necessidade de controle - principalmente da parte dos homens - do que há de ilimitado nas mulheres. Assim, infinitos nomes podem vir na tentativa de representá-la - mas nunca nomeá-la. Colocar uma barra no A dizendo que a mulher não existe significa que o semblante, via mascarada, deve vir no lugar desse vazio, como suplência a esse significante inexistente. Numa mulher, não é possível encontrar uma essência

feminina na forma de significante - há algo que não é de todo apreendido pelo inconsciente. Dessa forma, algo do feminino ficará sempre como Outro absoluto para todo ser falante, seja homem ou mulher.

No que diz respeito à sexualidade, só existe um significante para designar os dois sexos: o falo. É o falo que permite inscrever a falta, mas ele também é o objeto ao qual as mulheres são fiéis, pois é dele que elas se constituem. Marie-Hélène Brousse (2019) diz que o falo, enquanto objeto perdido, que será suporte para o desejo do ser falante. Por isso, é importante dizer que não se trata de se desfazer dos atributos fálicos, ou seja, da maquiagem, das roupas, do corte de cabelo, do salto alto, etc. Eles são necessários para uma mulher, mas desde que, ao invés de se identificar, elas possam se servir deles, enquanto suportes subjetivos. Deste modo, a partir do segundo ensino de Lacan, inscrever-se como homem ou mulher não mais será uma questão de identificação, mas sim uma questão de sexuação, de uma modalidade de gozo. Logo, não basta diferenciar os dois sexos, pois é, sobretudo, de uma divisão em relação a dois gozos que se trata: de um lado há um gozo marcado pela inscrição fálica e, do outro, um gozo não-todo inscrito nessa lógica, sendo possível ao falasser circular entre os dois.

No que se refere à devastação, concluímos que é a relação com a mãe que está no cerne da discussão, surgindo como uma reivindicação fálica da menina para a mãe. Nesse sentido, o esforço de Lacan foi o de demonstrar que, se “A” mulher não existe como universal, resta a cada uma a tarefa de inventar a sua própria feminilidade. Sendo assim, a saída para um saber-fazer com a devastação é consentir que o que se busca na mãe ela não pode dar - não porque não tem, mas porque nela também falta. O ponto de devastação na relação mãe e filha refere-se a como o gozo toca o corpo da mulher. Sair dessa reivindicação fálica é deixar de buscar num Outro, seja mãe ou parceiro amoroso, que lhe diga algo sobre aquilo que ela experimenta no próprio corpo. É aceitar que a mãe só pode transmitir insígnias sobre ser mulher, nada além disso.

## REFERÊNCIAS

ANDRE, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

BASSOLS, M. **O feminino, entre centro e ausência.** Opção Lacaniana online. Ano 8, n.23, jul. 2017, p.4. Disponível em:

\_\_\_\_\_. **Isak Dinesen, a feminilidade e a letra.** In: O feminino infamiliar: dizer o indizível. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021.

BESSA, G. **Feminino: um conjunto aberto ao infinito**. 1º Ed. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

BROUSSE, M.H. **Mulheres e discursos**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019.

DRUMMOND, C. **Devastação**. Opção Lacaniana online: novo formato. Ano 2, nº6, ISSN 2177-2673. Novembro, 2011.

FERREIRA, A. E. P. **A devastação materna e suas repercussões nas parcerias amorosas** (Dissertação - Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908) Sobre Teorias Sexuais Infantis. In: **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. (1923) Organização genital infantil. In: **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. (1925) Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In: **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. (1931) Sobre a sexualidade feminina. In: **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. (1933) A Feminilidade. In: **Amor, Sexualidade e Feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FUENTES, M.J.S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GARCIA, L. **O que está em jogo no supereu feminino?**. 1º Jornada da EBP - Seção Sul, 2020. Disponível em < <https://jornadasecaosul.wordpress.com/2020/09/10/o-que-esta-em-jogo-no-supereu-feminino/>>. Acesso em 06 de novembro de 2020.

GUIMARÃES, L. **Não se apaixone! A máscara da feminilidade contemporânea**. Opção Lacaniana online, nº 44, 2005.

\_\_\_\_\_. **Gozos da Mulher**. KPR: Petrópolis, 2014.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**, vol. 1: as bases conceituais. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

KIERKGAARD, S. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus, 1968.

LACAN, J (1958). A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1958). Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. (1964-1965). **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1971). "Lituraterra". In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1972). O Aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

\_\_\_\_\_. (1972-1973). **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1973). Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MILLER, J.A. **O osso de uma análise: o inconsciente e o corpo falante**. 1º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

\_\_\_\_\_. Opção lacaniana online. **Mulheres e Semblantes II**. V. n. Março, 2010. Disponível em <[http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero\\_1/Mulheres\\_e\\_semlantes\\_II.pdf](http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf)>. Acesso em: 24 de Abril de 2021.

SIQUEIRA, E. Faces do supereu feminino. In: **O feminino infamiliar: dizer o indizível**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

VICENTE, S. **Quando o ideal de amor faz sintoma**. Opção lacaniana - nova série, ano 7, ISSN 2177-2673, nº 19, 2016.

ZALCBERG, M. **Amor paixão feminina**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ZALCBERG, Malvine. **A devastação: uma singularidade feminina**. Revista Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 469-475, 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382012000200013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 nov. 2020.

ZALCBERG, M. **De menina a mulher: cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

